

IMAGENS DA INFÂNCIA: A EDUCAÇÃO E O CORPO EM 1930 E 1940 NO BRASIL

Dnda. KÁTIA DANAILOF

Doutoranda em Educação Unicamp

Professora do Curso de Educação Física da FAM (Faculdade de Americana)

Professora do Curso de Educação Física do CREUPI (Centro
Regional e Universitário de Espírito Santo do Pinhal)

E-mail: kdanailof@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a idéia de infância aliada à proposta de Educação Física escolar nos anos de 1930 e 1940 no Brasil. Época em que os parâmetros de educação das crianças estão pautados em discursos vinculados a área médica. A Educação Física escolar é considerada, então, a área capaz de agregar tal conhecimento, em que o corpo surge como registro das marcas de um tempo que vislumbra, no caso, um futuro próspero para a nação, associando esta prática aos valores sociais e morais da época descrita.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; educação física; corpo; educação.

INTRODUÇÃO

O sentimento de infância começa a ser reconhecido no Brasil desde meados do século XIX com a instituição médica, intensificando-se no início do século XX com projetos envolvendo a educação dos cidadãos, tecendo a teia de relações que concentra na nacionalização e modernização o ideal de reconstrução do país (Rago, 1997, p. 117).

Nos anos de 1930 e 1940 no Brasil, tais discursos e iniciativas, vinculados ao cotidiano escolar, revelam imagens em que a educação da criança e de seu corpo apresentavam-se em destaque. Passo a considerar a possibilidade de diálogo entre eugenistas, higienistas, pedagogos e o ambiente escolar, para os quais a infância e sua “forma” encerram o ideal de ser criança, compondo o eixo que articula a reflexão presente neste estudo.

Cabe destacar que a palavra “infância” deriva do verbo latim *fari*, falar, dizer, e do seu particípio presente *fans*. *In-fans*, no caso, diz respeito à ausência de fala e à incapacidade (Gagnebin, 1997, p. 172). Sendo assim, a infância não pode ser considerada apenas por condicionantes biológicos, mas pelo papel que ocupa, não a isolando do conjunto da sociedade à qual pertence, pois cada época imprime significados distintos com relação ao que seria fraqueza, culpa, dor, incapacidade (Ariès, 1981; Elias, 1990).

A história considera que “o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente” (Le Goff, 2003, p. 538). As imagens, para tanto, passam a ser compreendidas como documento, como experiência ilusória capaz de padronizar expectativas, desejos e necessidades. Repletas de “figuras e realidades”, enaltecem aspectos estéticos e ideológicos caros ao presente estudo (Kossov, 2002).

Seguindo as palavras de Le Goff (2003) e de Kossov (2002), algumas questões surgem por intermédio daquilo que aproxima as iniciativas médicas do cotidiano escolar. Em particular, o que representam esses trabalhos para a concepção de corpo e de infância presente entre os anos de 1930 e 1940 no Brasil? O que foi retratado? Por que e para quem essas imagens foram produzidas?

De forma geral, a fotografia, como alegoria da cidade moderna, apresenta o país ao mundo através da seleção de imagens de modernidade, esplendor e progresso (Kossov, 2002, p. 25). Apresentando os *infantes* à sociedade, a cidade coloca-se como cenário. Campinas, visando ao progresso, passava por importante projeto de urbanização dos espaços públicos, coordenado pelo engenheiro-arquiteto Prestes Maia, do qual participaram diferentes setores da sociedade.

Soma-se a esse contexto o cotidiano escolar através do trabalho realizado pela professora Otilia Forster entre os anos 1937 e 1945¹, período no qual mantém um programa de estruturação das aulas de Educação Física em Campinas e região. Constituído por relatórios anuais, materiais didáticos, correspondências, documentos pessoais e recortes de jornais, além de 780 fotografias de aulas e demonstrações de ginástica, entre outras, seu acervo reúne as realizações dessa professora de Educação Física.

Condizente com uma sociedade que busca modernizar-se selecionando informações tais fotografias dos anos de 1930 e 1940 permitem o encontro com o projeto escolar. O sentimento de infância presente nesse período identifica-se, para tanto, com as imagens de futuro e progresso, idealizando um país capaz de atender as exigências da modernidade. “Da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda” (Sant’Anna, 2001, p. 4), o corpo é considerado expressão da cultura, inerente à construção do cenário urbano que se configurava (Sennet, 2003).

A concepção de infância assume nesse estudo a forma como as crianças foram retratadas. Para tanto, a fotografia não é considerada um registro/documento neutro, pois traz com ela conceitos que marcam as escolhas realizadas pelo fotógrafo, definindo o que deve estar nos limites do retrato ou ainda o que essas crianças deveriam, conseqüentemente, representar (Kossov, 2002).

Seguindo tal perspectiva, a Educação Física escolar apresenta-se como uma área capaz da “organização” do corpo. Caracterizada por reunir um grande número de crianças, a instituição escolar atua como importante espaço de difusão de hábitos e costumes favoráveis aos “valores, ideais e práticas de seu tempo” (Aguayo, 1939, p. 25).

A INFÂNCIA EDUCADA

A vida moderna, regida pelo ritmo das indústrias e dos automóveis, modificava constantemente o ambiente ainda nos anos de 1930 e 1940 no Brasil. A tecnologia inovadora dos meios de transportes alterava o tempo de deslocamento do corpo nesse espaço. A cada dia, o trânsito de animais nos centros urbanos não era mais considerado possibilidade de transporte, mas um entrave à marcha dos bondes. Os bairros deteriorados pelo tempo exprimiam da mesma forma a imagem do atraso quando comparados às ricas residências (Lévi-Strauss, 1994, p. 69). O passado devia ser esquecido, como também as antigas práticas rurais, pois o país empenhava esforços para transformar a nação em moderna, industrial.

1. Acervo histórico Otilia Forster, Centro de Memória (Unicamp).



FIGURA 1: *Estímulo à industrialização.* Fonte: Badaró, 1996, p. 94.

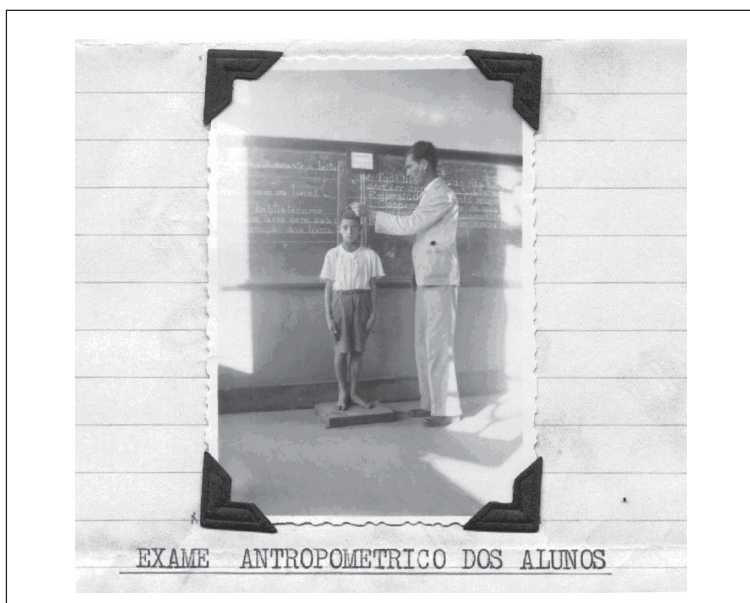


FIGURA 2: *Exame antropométrico* (Grupo Escolar de Pinhal, SP, 06.dez.1939). Fonte: II Relatório de Atividades, 1939. Fundo Otília Forster, cx. I, Arquivos Históricos, Centro de Memória (Unicamp).

Nas ruas, o convívio entre o velho e o novo fazia do espaço público um lugar suscetível aos vícios. Apesar das construções e inovações advindas do mundo moderno das máquinas e dos grandes prédios, a pobreza e a sujeira eram consideradas entraves à inserção do país na modernidade. Os corpos circulavam livremente por todos esses ambientes e aquilo que lhe era sensível, como velocidade, tempo, a estrutura do espaço urbano, compôs o que passou a ser objetivo do projeto de educação, voltado tanto ao corpo quanto à própria cidade, concentrando na infância os cuidados que definiriam o que o país seria no futuro.

Tal afirmação sustenta-se nas iniciativas, em especial de médicos que, preocupados com as “mazelas da cidade”, propõem intervenções baseadas na releitura do passado, inscrito nos gestos e comportamentos do homem brasileiro, proclamando uma revolução que realizaria e revelaria o Brasil moderno. O espaço urbano segue o ritmo das máquinas, reduz distâncias ao mesmo tempo em que é capaz, com a fotografia, de congelar o tempo, projetando mundos aparentemente distintos: o do adulto e o da criança.

Considerando o rápido crescimento das cidades e a heterogeneidade social ou, mais precisamente, racial, os médicos higienistas assumem a liderança do saneamento popular, dirigindo e orientando um novo modo de vida, tendo como objetivo homogeneizar a população (Rocha, 2001).

A exemplo de Campinas, comissões civis de caráter consultivo foram organizadas nas diferentes cidades do país. Não eram serviços remunerados e só podiam funcionar com a maioria de seus membros presentes. Compostas por profissionais liberais e, por representantes indicados por suas diferentes funções sociais como economia, imprensa e serviço público, as comissões serviam de forma direta o desenvolvimento das principais concepções de reestruturação das cidades brasileiras.

Na Comissão de Urbanismo de Campinas, criada pelo decreto n. 135 em 1935, o médico dr. Azael Lobo e o delegado de saúde dr. F. A. Roso participavam do plano de melhoramentos urbanos da cidade ao lado de outros nomes considerados importantes para o projeto. Entre eles estavam: Antonio J. Ribeiro, da imprensa local, dr. Edmundo Barreto, da imprensa de São Paulo, além de advogados, representantes da Sociedade de Amigos da Cidade, proprietários de imóveis etc. (Badaró, 1996, p. 53).

Como coordenador do projeto, Prestes Maia acatava os pareceres decorrentes da comissão desde que esses conselhos servissem para adequar as linhas gerais do plano à realidade local, auxiliados ainda pela Sessão de Estatística, considerada de suma importância, seria possível complementar as propostas da comissão eleita aos dados estatísticos, os quais poderiam ser articulados com restante do país, gerando “diagnósticos e balizamentos mais gerais” (idem, p. 87).

Verdadeiros “quartéis gerais” da obra sanitária e social, os Centros de Saúde foram fundados com o objetivo de possibilitar a difusão do programa de higiene em todo lugar em que se encontrasse. Tais núcleos seriam responsáveis por levantar dados e informações sobre os modos de vida da população via inquéritos, estudos e estatísticas (Rocha, 2001, p. 188).

As referências à saúde e à educação foram abordadas no Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas sob a denominação de *plano não-material*, que em outras palavras significa a preocupação desses profissionais em transformar não apenas o domínio físico-urbanístico, o espaço urbano, mas envolver outras esferas, incluindo os demais aspectos da vida pública (idem, p. 88-89).

Tendo como alvo a educação higiênica da população, a obra sanitária abarcava em seu conjunto de iniciativas a imunização contra doenças transmissíveis e a orientação sobre puericultura, entre outras. Priorizava ações sobre a infância dando preferência às crianças desnutridas e portadoras de deficiências físicas (idem).

Criar um sistema fundamental de hábitos higiênicos, capaz de dominar, inconscientemente, toda a existência das crianças. Modelar enfim, a natureza infantil, pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias (idem, p. 235).

A preocupação de Prestes Maia com valores estéticos resulta em projetos nos quais *perspectivas* e *pontos focais* incidem sobre o corpo. Em sintonia com a idéia de modernidade, trabalha com valores considerados universais. Higiene e saúde, educação, cultivo do corpo e do espírito, eficiência e rendimento eram então as premissas que definiriam o Brasil civilizado e, conseqüentemente, próspero (Badaró, 1996, p. 150).

Os médicos eram aqueles que se destacavam como conselheiros, peritos “se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo social’ e mantê-lo em estado permanente de saúde” (Foucault, 2000, p. 293). Os higienistas assumiram os cuidados com a higiene física e mental do homem brasileiro, afirmando que “(...) a saúde da raça, a saúde da pátria, é a sua cultura”². A profilaxia mental deveria, segundo eles, ser adotada na infância e, mais especificamente, no âmbito familiar. No entanto, esses profissionais consideravam que apenas nas escolas haveria possibilidade prática de detectar os primeiros sinais de anormalias da “inteligência” ou do caráter³.

2. Archivos paulistas de hygiene mental, 1930, p. 103.

3. Boletim de Hygiene Mental, 1929.

Nos escolares realizavam-se exames físicos detalhados com o objetivo de avaliar sinais de atraso no desenvolvimento de seu sistema nervoso. De acordo com os exames, as crianças eram então classificadas conforme sua capacidade “psychica” em: 1) débeis “intellectuais” e retardados; 2) crianças de inteligência normal, porém com transtornos de caráter (instabilidade emocional – depressivos ou emotivos); 3) crianças precoces, com facilidade para algumas matéria e incapacidade para compreender outras e; 4) crianças que não pertencem a nenhuma das categorias anteriores⁴.

Diante desse quadro, o esporte entra em cena como aquele capaz de melhor preparar o indivíduo para a vida social, pois “a força física é a grande propulsora do mundo”⁵. “Educar a vontade, ter calma e paciência eram características indispensáveis para que fosse possível a execução perfeita do exercício, pois dessa forma não haveria interferência da vontade”⁶.

Os exercícios físicos passaram a ser “naturalmente” vinculados à propaganda da higiene mental. Desde então, ficou estabelecida, antes de qualquer envolvimento com a prática esportiva, a avaliação “psyco-physica” tanto de crianças quanto de adultos como forma de garantir uma prática saudável⁷. Caberia à Educação Física preparar a criança para a época nova, construindo o tipo ideal de brasileiro que deveria ser saudável e membro do bem-estar coletivo, conservando, assim, as características do homem moderno.

O diálogo entre Educação Física e higiene apresentava-se a todo o momento ancorado pela preocupação com o futuro, com o progresso e o desenvolvimento do país. Dito em outras palavras, o “amor à pátria” refere-se à conjugação entre aspectos materiais e sentimentais da terra e do homem⁸.

Para que tal fim se concretizasse, a eugenia participou desse diálogo colaborando com a idéia de que a criança – ou o “homem do futuro” – além de forte e sadia deveria ser um melhor cidadão. Tal concepção, muito difundida durante o período, baseava-se nas palavras de Darwin, para quem “eugenismo é a ponte que une o domínio da sciencia ao domínio humano”⁹.

4. Boletim de Hygiene Mental, 1929.

5. Archivo Paulista de Hygiene Mental, 1930, p. 4.

6. Archivo Paulista de Hygiene Mental, 1930, p. 4.

7. Boletim de Hygiene Mental, 1929.

8. Revista *Educação Physica*, 1932.

9. Boletim Brasileiro de Eugenia, 1929.

Os profissionais dessa área faziam referência ao fato de o Brasil ser considerado um país mestiço e, por isso, considerado um grande laboratório. Um local onde a fusão de várias raças (índia, branca, mulata e negra) indicava a população brasileira como uma "raça em formação", cujo bom resultado dependia de um aprimoramento biológico que estava longe de ser atingido (Shwarcz, 1993, p. 232).

Mediante tal inquietação, a intervenção direta da eugenia na sociedade redefine os limites biológicos das diferenças, as quais não mais se encontravam na cor da pele, mas na divisão da espécie humana em: "gente innata e intrinsecamente humana, gente domesticável e gente doente e indomável, esta última intangível a todos os processos e esforços educativos"¹⁰.

Para tanto, condizente à "nova physionomia da vida"¹¹ que se configurava, a instituição escolar deveria ser a imagem do meio social, funcionando como uma "família ideal, onde o pai verifica o que convém à criança e lhe proporciona o que ela necessita" (Aguayo, 1939, p. 41). Cabia ao ensino moldar as crianças, no que se refere à igualdade, à sociedade. Em outras palavras, a educação deveria transformá-las em indivíduos participantes e interessados no reajustamento social, "mentalmente habilitados" a realizar mudanças sociais "sem provocar confusão e desordem" (Dewey, 1979, p. 32).

Com base em três funções principais, "physica, estética e dinâmica", o campo da pedagogia ampliou seu alcance através da Educação Física. Os exercícios físicos seriam os responsáveis por ajustar o corpo "pequeno" ao estado mental, tornando-o "mais obediente e mais flexível" aos olhos dos pedagogos (Toledo, 1930, p. 290).

Nesse sentido, a professora de educação física Otília Forster coordenou um trabalho de reestruturação das aulas de Educação Física em Campinas e região com os grupos escolares. Ao assumir suas funções na Delegacia Regional de Ensino de Campinas, em 23 de julho de 1937, Otília Forster passou a dar "aulas-modelo" de ginástica nos grupos escolares da região. As aulas eram ministradas às professoras responsáveis pelos estabelecimentos de ensino uma vez por mês, seguindo um padrão preestabelecido, sendo estas repassadas aos alunos de acordo com os planos de aula distribuídos na ocasião.

Tal órgão do governo exigia relatórios anuais de cada estabelecimento a fim de registrar pareceres a respeito do desenvolvimento das aulas e desempenho dos

10. Boletim de Eugenia, 1931.

11. Revista *Educação Physica*, 1932.

alunos. O projeto tinha como objetivo específico contribuir para assegurar a saúde, e como objetivo geral ficou estabelecido que a Educação Física deveria:

(...) desenvolver normalmente as faculdades físicas da criança segundo as condições fisiológicas do crescimento e particularmente a função respiratória. Auxiliar o desenvolvimento da criança pelo exercício atraente; explorar sua faculdade de imitação¹².

Os resultados eram satisfatórios, pois considerava-se que, além dos benefícios físicos, com as aulas de ginástica os alunos tornavam-se mais disciplinados.

(...) Inegavelmente, a cultura física, aqui ensinada, vem preenchendo, tanto quanto possível, a sua finalidade e, embora a pouco iniciada, já vem apresentando alguns resultados. Citemos os principais:

- a) as *más atitudes* do corpo de inúmeros educandos estão se transformando em *boas*;
- b) as *faculdades cerebrais* tem sido estimuladas;
- c) o *poder de atenção* está se aumentando;
- d) as *funções orgânicas*, principalmente a *respiratória*, vêm se desenvolvendo normalmente;
- e) a *ordem* e a *disciplina* tem sido adequadas com mais facilidade, graças aos exercícios de ordem, como voltas, passos e formaturas, praticadas pelos alunos (grifos meus)¹³.

A escola cumpria seu papel, agindo como veículo de “formação harmônica do corpo e do espírito” através da atenção dispensada à educação integral do aluno, compreendida por sua formação física, mental e intelectual (Aguayo, 1939. p. 7). Pautado na eugenia e no higienismo, o comprometimento escolar com a formação do aluno concentra-se na hierarquização, ou seja, na idealização de modelos compatíveis com a construção de uma nação forte. Para concretizar tais resultados, o amparo científico foi imprescindível. Eram necessários dados, avaliações que concretizassem a correlação entre força moral e física.

O “Projeto de Orientação para o Ensino de Educação Física nos Grupos Escolares de Campinas” permite apreender a preocupação e a importância da relação existente entre nação e corpos regenerados física e moralmente no decurso de uma análise detalhada acerca das normas de seleção dos alunos estabelecidas pela

12. Plano de aula elaborado pela professora Otilia Forster e entregue aos grupos escolares em 10 de maio de 1939.

13. Depoimento do diretor do Grupo Escolar de Souza em 1938-1939. Acervo Otilia Forster, II Relatório de Atividades, 1939.

delegacia regional de ensino e transmitidas a todos os estabelecimentos de ensino no início de 1938:

Os grupos escolares, conforme ficou estabelecido, deverão ter as suas equipes de ginástica. Essa será selecionada dentre os alunos de 3º e 4º anos, que apresentem a mesma idade cronológica e fisiológica, obtendo-se assim uma turma o mais homogênea possível¹⁴.

Prezando a força dos parâmetros biológicos existentes na Educação Física, considerava-se, ainda, que apenas "(...) *os mais fortes, portanto os de melhor aparência*"¹⁵ participariam das equipes.

Adotados como parte integrante da avaliação e seleção dos alunos que participariam das equipes de ginástica, os exames antropométricos foram parcialmente utilizados por Otília Forster. Digo parcialmente pois o exame antropométrico exigia uma série de análises que necessitavam de profissionais capacitados para realizá-las. Através da avaliação da circunferência de diferentes membros, do peso, da altura e da composição corporal, os alunos seriam classificados como saudáveis ou não de acordo com um parâmetro de normalidade obtido por meio da comparação de dados. Especialmente o teste de composição corporal necessitava de aparelhagem específica, como também de profissionais competentes, gerando dificuldades na aplicação do método por parte dos próprios professores¹⁶.

Realizados muitas vezes pelos próprios professores dos grupos escolares, tais exames revelaram-se providenciais para o período que fazia a leitura da realidade com base em dados quantitativos: "(...) foi feito um fichamento muito resumido, por não termos aparelhos, fichas e exame médico necessários, constando somente da parte de minha competência"¹⁷. A busca de dados estatísticos que pudessem esclarecer a real condição dos alunos revela-se como expressão dos métodos científicos adotados na época, ou seja, uma incansável presença da razão instrumental no âmbito escolar.

A ciência necessitava da precisão para poder realizar um trabalho digno, pois considerava-se que o povo, submetido à ficha de controle, no caso os livros de matrícula e exames antropométricos, "é um povo que se sujeita a ser lapidado como um

14. "Projeto de Orientação para o Ensino de Educação Física nos Grupos Escolares de Campinas". Acervo histórico Otília Forster, II Relatório de Atividades, 1939.

15. Arquivo Histórico Otília Forster – Centro de Memória Unicamp.

16. Parecer do Grupo Escolar Rangel Pestana presente. Relatório de Atividades, 1940.

17. Parecer do Grupo Escolar Rangel Pestana presente. Relatório de Atividades, 1940.

diamante”, desde que os lapidários fossem munidos dos instrumentos necessários e dos processos modernos¹⁸.

Os grupos escolares cumpriam as instruções conforme suas possibilidades. No geral, a seleção dos componentes das equipes de ginástica foi feita com base na idade e na aparência física, pois nem todos tinham acesso a centros de saúde ou contavam com a colaboração de lapidários – ou médicos – especializados.

Devidamente orientado, o seletivo conjunto de alunos que compunha as equipes tinha seus dados pessoais arquivados em livros especiais de matrícula, servindo como parâmetro para posteriores comparações de resultados. Destinados aos integrantes das equipes, tais livros foram organizados em cada escola contendo as seguintes informações: número de matrícula, número de ordem, idade, filiação, naturalidade, profissão e nacionalidade do pai, residência, medidas antropométricas, ano do curso e observações sobre os alunos¹⁹.

O exame médico, para tanto, surge no decorrer do trabalho como fator relevante para a realização de uma análise mais detalhada da condição de saúde dos alunos.

Os alunos foram selecionados pela idade e físico. Foram escolhidos entre os mais fortes e assíduos à escola. Foi adotado esse critério por não haver médico no lugar e no estabelecimento não existir material adequado para uma seleção mais racional²⁰.

Seguindo tais padrões, reconheço uma época em que as aulas de Educação Física reafirmavam a igualdade colocando em destaque o corpo das crianças devidamente educadas, auxiliadas tanto pela estatística quanto pelo conhecimento biológico. “[...] Essa ‘mensuração’ (isenta de paixões) é que permitia a ‘verificação’ do caráter natural e hereditário das aptidões” (Soares, 1994, p. 23). Assim, a possibilidade de uma educação “regrada do corpo”, buscando uma legitimação de hábitos, reforçavam a Educação Física como área atraente à educação do corpo.

Para que o projeto de educação fosse efetivado, seria necessário o reconhecimento da iniciativa perante a população, constando o agrado de todos os envolvidos (pais, professores, Estado) com os resultados obtidos. Os jornais da época sugerem, para tanto, um balizamento sobre a recepção do público:

18. Parecer do Grupo Escolar Rangel Pestana presente. Relatório de Atividades, 1940.

19. Projeto de Orientação do Ensino de Educação Física de 1938. II Relatório de Atividades, 1939.

20. Depoimento que consta no relatório referente ao ano de 1938 das aulas do Grupo Escolar de Jardim. II Relatório de Atividades, 1939.

[...] O programa desenvolvido que, além de ser muito útil às crianças, serviu ainda de propaganda da cultura física: desfile pelas ruas centrais, demonstração coletiva em um campo de esporte da cidade e uma sessão literária no teatro municipal. Tivemos ótima recepção e a festa agradou imenso à população da cidade²¹.

Destacando a boa aceitação diante da formação da criança brasileira mediada pela atividade física, o artigo “Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação”, publicado em 24 de novembro de 1942, aborda o programa de “educação integral” das crianças confirmando a eficiente colaboração das escolas reconhecida no “brilhantismo da I^a Olimpíada Infantil”, reunindo na ocasião exercícios distribuídos de acordo com a faixa etária e “executados com tal precisão dignos de empolgar qualquer assistência”. O texto faz referência ainda a crianças alegres e interessadas, confirmando a necessidade do fichário antropométrico “(...) em prol da completa edificação da geração que vai se formando”²².

A fotografia, no caso, apresenta elementos importantes, pois no corpo pequeno encontram-se os traços do que se considerava ser criança, apresentando histórias que partem de pontos de vista que se aproximam. Nas aulas de Educação Física escolar tais perspectivas são respeitadas, apresentando em imagens os esforços que garantem ao corpo uma plástica, uma aparência que o elege representante da sociedade.

Estão nas palavras de César Augusto Cardoso o que considero ser a síntese do encontro entre cotidiano escolar e os discursos da eugenia, higiene e pedagogia, compondo uma imagem concreta da realização dos ideais de força, saúde e beleza infantis, ou seja, da geração que se formava:

[...] Como defensores de nossa integridade higida e, em benefício da geração que se forma, devemos considerar que a cultura física deve seguir de perto os ensinamentos imprescindíveis dessas duas ciências, a menos que não queiramos fugir às prescrições infalíveis da biologia aplicada.

Para a sua perfeita colaboração será humanamente impossível conseguir-se inteligência perfeita, equilíbrio mental e beleza plástica. A higiene e eugenia, de braços tem nos destinos da humanidade uma função social de transcendental relevância.

Propagadoras incansáveis de uma fé robusta, elas constituem fontes geradoras de saúde,

21. Acervo Otília Forster. II Relatório de Atividades, 1939.

22. César Augusto CARDOSO. Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação. *Diário do Povo*, 1942.

criando meios legais e humanitários para a estabilidade do lar, e, portanto, para a grandeza da pátria, na formação consciente e cultural da raça”²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de forma alguma à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas para ser comerciante, mas moinho de vento e trem.
(Benjamin, 1995, p. 108)

Falar da infância, aqui, é falar da própria história que se constrói no cotidiano das cidades modernas. Tratam-se de gerações que, marcadas pela imagem dos *infantes*, sonham a sociedade do futuro. As fotografias auxiliam a produção dessa “realidade”, agregando conceitos e ideologias que serão transmitidas e/ou guardadas. É importante pensar com Flusser (1985, p. 53) que tal relação significa também a multiplicação das informações presentes nesses fragmentos da realidade, já que como objeto a fotografia tem valor desprezível.

Cabe destacar que a infância não serve apenas como “receptor passivo do inconsciente histórico” (Buck-Morss, 2002, p. 326) ou da morosidade e submissão em que se encontra a criança diante da sociedade. Nesse período repleto de novidades tecnológicas, a expressão conferida ao *infante* provoca o adulto diante da imagem do mundo novo.

Confundindo-se com a experiência coletiva de uma sociedade que precisa aprender a descobrir o novo de novo, a tarefa “biológica” de despertar a infância faz pensar no modelo que ao mesmo tempo adormece e desperta a sociedade. Adensa o estado de sono frente ao que consistia ser a sociedade ideal, transformando as iniciativas voltadas à educação em linhas de montagem, favorecendo o ideal de progresso ou a própria industrialização e modernização do país (Buck-Morss, 2002, p. 326).

A Infância pode ser percebida, então, como parte do sonho de uma geração – daqueles que viveram 1930 e 1940 – de adultos que tem a possibilidade de atualizar significados passados, reconhecendo nas imagens do cotidiano escolar experiências concretas de um futuro próspero. Povoando a cidade e o imaginário coletivo, a experiência do novo é consumada na imagem da criança e se faz, então, corporalmente.

23. César Augusto CARDOSO. Os benéficos melhoramentos que o Estado Novo vem operando no nosso programa geral de educação, op. cit.

Images of Infancy:
the education and the body in the 1930's and 1940's in Brazil

ABSTRACT: This article considers a reflection about childhood idea inherent to Physical Education in Brazil during the 1930's and 1940's, a time when the parameters of the children's education were based on the medical discourse. Therefore, Physical Education became the area able to increase the concept that body is a representation of signs and time that, in this case, envisioned a prosperous future for the nation, associating this practice with the social and ethical values of the reported time period.

KEY-WORDS: Infancy; physical education; body; education.

Imágenes de la infancia:
la educación y el cuerpo en 1930 y 1940 en Brasil

RESUMEN: Este artículo tiene como propósito reflexionar acerca de la infancia y su relación con la propuesta de Educación Física en los años 1930 y 1940 en Brasil. Se trata de una época en la cual, los parámetros de la educación de los niños, eran regidos por el discurso médico. Es así, que la Educación Física escolar se convierte en un área capaz de acrecentar tal conocimiento, donde el cuerpo surge como un registro de las huellas de un tiempo que reflejaba un futuro próspero para la Nación, asociando de esta forma la práctica a los valores morales y sociales de la época referida.

PALABRAS CLAVES: Infancia; educación física; cuerpo; educación.

REFERÊNCIAS

Arquivos, periódicos e jornais

Acervo Histórico Otília Forster, cx. I, Arquivos Históricos, Centro de Memória Unicamp.

Archivos Paulistas de Higiene Mental. São Paulo: n. 3-4, 1930.

Coleção Otília Forster. Documentação Iconográfica, Centro de Memória Unicamp.

Jornal *Diário do Povo*, Campinas, 1942.

Revista *Educação Physica*, São Paulo, 1932.

Livros e teses

AGUAYO, A. M. *Novas orientações da educação*. Editora Saraiva, 1939.

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BADARÓ, R. *Campinas: o despontar da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BUCK-MORSS, S. *Dialética do olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CUNHA, M. V. (Org.). *Ideário e imagens da educação escolar*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
- DANAIOLOF, K. *Corpos e cidades: lugares da educação*. Dissertação (Mestrado) –Unicamp, Campinas, 2002.
- DEWEY, J. *Democracia e educação*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- ELIAS, N. *O processo civilizador – uma história de costumes*, I v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
- GAGNEBIN, J.-M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- KOSSOY, B. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.
- ROCHA, H. H. P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do instituto de higiene de São Paulo (1918-1915)*. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2001.
- SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-24.
- SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

_____. (Org.) *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

TOLEDO, J. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Livraria liberdade editora, 1930.

Recebido: 29 set. 2004

Aprovado: 03 nov. 2004

Endereço para correspondência

Kátia Danailof

Rua Rafael Sampaio, 387, apto. 52/bl. B

Jardim Guanabara

Campinas – SP

CEP 13023-240